

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS – FEF
FACULDADES INTEGRADAS DE FERNANDÓPOLIS – FIFE

FERNANDA MARIA CIPRIANO DA SILVA

NOME A NÚMEROS: GRANDE REPORTAGEM SOBRE A COBERTURA DAS
VÍTIMAS DA COVID-19 EM VOTUPORANGA (SP)

FERNANDÓPOLIS

2022

FERNANDA MARIA CIPRIANO DA SILVA

**NOME A NÚMEROS: GRANDE REPORTAGEM SOBRE A COBERTURA DAS
VÍTIMAS DA COVID-19 EM VOTUPORANGA (SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Fundação Educacional de Fernandópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Profa. Esp. Ma. Andresa Caroline Lopes de Oliveira

FERNANDÓPOLIS

2022

FERNANDA MARIA CIPRIANO DA SILVA

**NOME A NÚMEROS: GRANDE REPORTAGEM SOBRE A COBERTURA DAS
VÍTIMAS DA COVID-19 EM VOTUPORANGA (SP)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo da Fundação Educacional de Fernandópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Fernandópolis, xx de xxxxxxxxxxxx de xxxxxxxx.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Ma. Andresa Caroline Lopes de Oliveira
Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF

Profa. Esp. Ma. Glauciane Pontes Helena Franco
Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF

Prof. Esp. Dr. Marcelo dos Santos Matos
Fundação Educacional de Fernandópolis - FEF

A todos que perderam familiares nesta pandemia...

AGRADECIMENTOS

Aqui chego ao fim de um importante ciclo para a minha carreira profissional e que, sem dúvidas, acrescentou e também transformou a minha vida pessoal. Agradeço a Deus por ter me concedido a força necessária para encarar essa etapa, mesmo em meio a tantos desafios e uma pandemia nesse caminho.

Aos meus pais, Celso Luiz da Silva e Rosemary Maria Cipriano, e o meu irmão, Luis Fernando Cipriano da Silva, que me ensinaram dentro do nosso lar, antes mesmo de eu começar a trilhar o caminho da comunicação, o que, talvez, seja a mais importante das lições para um jornalista: a de não ter vergonha de perguntar. Afinal, um bom repórter é curioso. Muito obrigada, por me darem a confiança necessária para seguir o meu caminho, as minhas vontades e o que eu considero a minha vocação com o apoio de vocês.

A todos profissionais da comunicação, que me guiam e me auxiliam neste início de carreira. Em especial, ao Franclin Duarte, jornalista do Grupo Cidade de Comunicação, pelo suporte, puxões de orelha e por acreditar na minha vontade. Bem como, a todos os funcionários e amigos que me acolhem neste respeitável veículo de comunicação do Noroeste Paulista.

Também a todos os professores da Fundação Educacional de Fernandópolis pela compreensão e por todos os ensinamentos em sala de aula. Com um carinho especial à minha orientadora, a Profa. Me. Andresa Caroline Lopes de Oliveira, por incentivar, acolher e dar o suporte necessário para que esse trabalho se desenvolvesse.

Ao meu namorado Renan Willian Silva Satake Ribeiro, que me apoiou e renovou o meu fôlego neste ano, também foi parte importante do processo de criação e inspiração sensitiva para essa Grande Reportagem, assim como em minha vida. Aos amigos jornalistas Pedro Spadoni e Lara Matozo, que me ouviram e abriram a minha mente nesta profissão. Aos meus colegas de turma, que compartilharam nesses quatro anos de momentos incríveis e que eu tenho a certeza que serão grandes profissionais.

Muito obrigada!

Um obituário é quase sempre uma ode à vida, ainda que reitere a brevidade de tudo, ao tomar o ponto final da existência como ponto de partida do jornalismo.

Matinas Suzuki Jr.

RESUMO

Este presente trabalho de conclusão de curso trata-se de um produto jornalístico em formato de Grande Reportagem com veiculação on-line, que fala sobre o texto de obituário como uma tradição da cidade de Votuporanga, em um recorte durante a pandemia e o caos frente a COVID-19. Mesmo em meio a incerteza da doença, a imprensa local continuou a realização do seu trabalho tradicional e trazia os falecidos da doença com suas histórias pessoais. Para a produção deste projeto foi necessário realizar entrevistas, pesquisas e também bibliografia sobre o texto de obituário e linguagem.

Palavras-chave: texto de obituário; grande reportagem; interior de São Paulo; tradição; humanização.

ABSTRACT

This work conveys the conclusion of the course, it is a journalistic product in an online Great Report structure, which talks about the obituary text as a tradition of the city of Votuporanga, in a clipping during a pandemic and the chaos in facing of COVID -19. Even in the midst of the traditional disease uncertainty, locals continue to carry out the work and bring their personal deaths from this disease with their stories. For this project's production, it was necessary to carry out interviews, research, and also the obituary text and language.

Keywords: obituary text; great reportage; the interior of São Paulo; tradition; humanization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Colapso nos hospitais brasileiros	31
Figura 2 - Repercussão na mídia	32
Figura 3 - Destaque internacional	33
Figura 4 - Jornal inglês	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SARS-CoV-2	Coronavirus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
OMS	Organização Mundial da Saúde
ISTAT	Istituto Nazionale di Statistica (Itália)
UTI	Unidade de Terapia Intensiva
CVI	Consórcio dos Veículos de Imprensa
DRS	Departamento Regional de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1.	REPORTAGEM	12
	1.1. CARACTERÍSTICAS DA REPORTAGEM	14
	1.2. GRANDE REPORTAGEM	19
	1.3. REPORTAGEM NO JORNALISMO ON-LINE	25
	1.4. TEXTO DE OBITUÁRIO	27
2.	PANDEMIA DA COVID-19	29
3.	PRODUTO	39
	3.1. LINHA EDITORIAL	39
	3.2. PÚBLICO ALVO	40
	3.3. VEICULAÇÃO	40
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	42
	ANEXO A	45
	ANEXO B	46

INTRODUÇÃO

A arte de contar histórias, certamente, é uma das práticas mais orgânicas da sociedade e é o ofício do jornalista. Sua maneira de se contar, mais conhecida como notícia, pode variar e ir de uma maneira mais simples até uma mais detalhada e complexa. Dada as suas proporções, esses métodos podem ser conhecidos como contação rápida por meio da notícia e longa com a reportagem, que tem como característica a representação maior do espaço e tempo, bem como de seus personagens.

Sodré (2009), revela que a principal característica de aprofundar a atenção do leitor por meio do apelo ao conjunto de sentidos perceptivos. A Grande Reportagem, utilizada na realização deste trabalho, não foge dessa linha de raciocínio e se mistura também com as características do *new journalism*, isso porque se utiliza de uma linguagem literária para passar a informação de maneira mais profunda ao leitor.

A Grande Reportagem, normalmente, é utilizada na realização de escrituras sobre assuntos de grande destaque, por isso que o tema é pandemia, de forma regionalizada no interior do Estado de São Paulo, em específico no município de Votuporanga (SP), pelo seu diferencial durante a cobertura dos mortos pela COVID-19.

A abordagem teórica revela inicialmente os conceitos de reportagem, as suas características, o início do *new journalism*, seu progresso, como chegou no Brasil, detalhes técnicos sobre o pandemia, como ela se deu no interior e como é o texto de obituário, que foi o método utilizado na cobertura de mortos para a doença. Além do roteiro técnico de toda a parte prática do trabalho, que relata pelo projeto editorial e também gráfico da Grande Reportagem..

1. REPORTAGEM

Uma das práticas mais antigas entre os seres humanos, além da de sobreviver, é a de contar histórias. Com o passar dos séculos, esse hábito se tornou parte da profissão do jornalista e entre as maneiras de se passar essas informações está o gênero da reportagem, que é a forma mais detalhada e aprofundada de se transmitir a narração dos fatos do cotidiano.

De acordo com Cremilda Medina (1942), a narrativa é como uma das respostas humanas diante do caos, onde eles têm a capacidade de produzir sentidos, ao narrar sobre o mundo e sem isso o humano não se expressa, nem se afirma diante da própria vida. A autora ainda diz que narrar é uma necessidade vital.

De forma mais afunilada, a narrativa jornalística, por sua vez, tem um valor histórico e com a função social de registrar a contemporaneidade dos momentos em que esteve presente. Com o passar do tempo criam conexões com eventos que agora são do passado e que podem ser agentes e reforço de contexto para o futuro. Isso por conta do nível de profundidade e detalhes que são depositados em textos de teor jornalístico como retrato da realidade. “O jornalismo se torna memória em ato, ou seja, memória enraizada no concreto, no espaço, na imagem, no objeto, atualidade singularizada, presente vivido e transformado em notícia que amanhã será passado relatado.” (PALACIOS, 2010, p. 41).

Assim, um momento relatado pelo jornalismo, seja ele por meio da notícia ou da reportagem, que é tratado em questão neste capítulo, se torna uma memória, capaz de ser uma referência histórica dentro das realidades dos dias.

Além disso, contar histórias de forma jornalística é abrir informações para a população em geral, o que, na verdade, certifica o trabalho bem articulado dando visibilidade para qualquer tipo de produção e reflexão. De acordo com José Augusto Mendes Lobato (2016, p. 70 e 71) o jornalismo em seu teor é pautado pela transmissão de testemunhos e experiências; produção de memória e também da moderna ação de atualidade; mediação de conhecimento e informação, que serve como *locus* de acesso ao espaço público e às representações coletivas que tentam dar conta de uma realidade complexa.

Dessa maneira em que a informação é articulada no momento de ser veiculada é importante ressaltar a diferença entre notícia e reportagem. Segundo Sodré e Ferrari (1989, p. 17) a notícia carrega a potencialidade de uma narrativa. Isso não significa que a notícia e a

reportagem se distinguem apenas pela extensão e abrangência, existem outras diferenças que precisam ser assinaladas, conforme as diferenças de discurso e a modos de enunciação, que serão tratados no capítulo 1.1 deste artigo, ainda pelos autores acima citados.

Ou seja, o gênero da reportagem chega como um complemento daquilo que é noticiado a partir da revolução industrial, no século XIX. Ainda de acordo com Sodré e Ferrari (1989, p. 18), a reportagem oferece maiores detalhes e contextualização sobre algo que já foi noticiado.

Diante disso, falando em termos de profissão mais antiga, relacionada a divulgação da narrativa, é a do publicista, datado em 1609, século XVI quando começou a circulação dos primeiros jornais, que eram ligados ao comércio e a alta sociedade. Segundo Nilson Lage (2000), foi a partir dessa introdução que por muitas décadas, o jornalista foi somente um publicista, de quem a população esperava orientações e interpretação política.

A reportagem, após a Revolução Industrial e pela definição ainda de Nilson Lage (2000), assumiu a sua funcionalidade e a população percebeu a utilidade dos títulos, bem como o conceito das notícias e informações divulgadas em primeira mão. Além disso, a reportagem nesse período trouxe à tona novos problemas como o de definir a diferença entre informações de interesse público e privado.

Com a importância que lhe foi dada, a reportagem é considerada um gênero jornalístico completo, isso por conta dos aspectos técnicos apontados na construção de uma narrativa. Ainda por Sodré e Ferrari (1986, p. 45-64), são apontados três estilos diferentes de se construir uma reportagem, a *fact-story*, *action-story* e *quote-story*.

Dentro dos conceitos apresentados pelos autores a reportagem de fatos (*fact-story*) a qual tem por objetivo trazer o relato fiel aos fatos, normalmente trabalhado no processo comum e conhecido da pirâmide invertida por ordem de importância e também segundo a cronologia dos acontecimentos.

A reportagem de ação (*action-story*) sua principal definição, segundo os autores, é trabalhar literalmente como uma movimentação e a evolução dos fatos de uma forma que o leitor consiga se atentar aos detalhes do que é contado durante a narrativa.

Já a reportagem documental (*quote-story*) é a que, pelos autores, detalha o acontecimento de maneira extensa com mais depoimentos e características, que dão maior profundidade e servem de documentos para a compreensão de gerações futuras.

A reportagem no meio acadêmico é analisada como um gênero de natureza híbrida, isso porque ela possui características informativas e interpretativas. Tudo isso por conta de como ela é produzida e normalmente para a finalidade que ela é elencada para a utilização dos leitores, que irão consumir o produto jornalístico produzido.

1.1 Características da reportagem

O que diferencia uma reportagem de uma simples notícia é as suas características, que de forma resumida assumem um caráter de profundidade e é considerada alinear, mesmo tendo que obedecer aos mesmos ideais de produção da informação jornalística.

De acordo com Medina (1988), a reportagem enriquece a complexidade e abrangência da notícia:

Enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo amplo, reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação de fatos que situam ou explicam o fato nuclear, por meio da pesquisa histórica de antecedentes ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato - a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato (MEDINA, 1988, p. 134).

Ou seja, a reportagem surge como um gênero jornalístico que tem como aspecto principal trazer ao leitor detalhes, características únicas sobre o assunto tratado, informações mais precisas, a humanização da informação, que se encaixa ainda mais com a realidade do receptor. É por meio dos conceitos trabalhados por Medina, que se define as quatro características de uma reportagem.

A ampliação das informações imediatas (notícia)”; o rumo da humanização, “que individualiza um fato social por meio de um perfil representativo”, a “ampliação do fato imediato no seu contexto”; e por fim, “o rumo da reconstituição histórica do fato. (MEDINA, p. 72).

O que pode ser assimilado com a ideia de fazer o leitor reviver um acontecimento por meio do que é contado em uma reportagem. Assim como cita Sodré (2009), a principal característica de aprofundar a atenção do leitor por meio do apelo ao conjunto de sentidos perceptivos, sendo concebido como a capacidade de entendimento através dos sentidos do próprio leitor.

Na construção de uma narrativa, conforme citado acima, que nada mais é que uma história, seguindo pela sua concepção universal, dentro de uma narrativa jornalística desenvolvida com detalhes e todas as características contidas em uma reportagem na intenção de transmitir uma informação. O conceito mais trabalhado é o da humanização e a aproximação do texto, por meio da percepção do repórter com a realidade que será contada por meio de sua reportagem.

Conforme expõe ainda Sodré (2009), em sua obra, que os fatos – e as referências a que estão ligados – serão relatados com precisão, e garantem, mais ainda, a verossimilhança. As principais características de uma reportagem: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados.

No entanto, a reportagem também se difere da notícia em termos de discurso. Isso porque as diferenças também são sentidas no momento de colocar as informações para que o leitor entenda a profundidade que lhe é oferecida.

Portanto, conforme o teor da informação, as características dos discursos das notícias e o próprio encadeamento delas, são produzidos conhecimentos de dois tipos. O que traz familiaridade com um tema – e nesse caso o discurso é concreto e descritivo, apenas assinalando os acontecimentos, e o que produz conceitos sobre um tema - com um discurso mais abstrato e analítico, oferecendo informação contextualizada. (SODRÉ, 2009, p. 32).

É com isso que o mesmo teórico traz à tona os flertes que o jornalismo faz com a literatura para que esse tipo de escrito jornalístico esteja presente no cotidiano das redações,

seja de jornais, revistas ou na internet. Sodré (2009) exemplifica que a reportagem é um conto jornalístico, que tem como principal objetivo proporcionar ao leitor a personalização da informação ou aquilo que também se indica como interesse humano, na ampliação da cobertura de um fato.

Além disso, ele exemplifica que um bom conto, ou seja, a reportagem, é feito com força, clareza, condensação e também com uma novidade. Outro detalhe que Sodré detalha é o de “pegar” o receptor pela emoção ou pela razão.

Desse modo, o repórter faz a função a favor da compreensão ampla da notícia, por meio da reportagem, levando um contexto de realidade e pontuando-a com a realidade histórica que a constitui (temporalidade). (SODRÉ, 2009, p. 63).

A reportagem também traz elementos característicos do ofício do repórter, o primeiro deles são as fontes, que representam a principal forma de o responsável por apurar e levantar informações sobre o que posteriormente será publicado. Hoje, o processo de pegar esse tipo de detalhe com fontes está normalmente centralizado nas assessorias de imprensa em instituições ou órgãos maiores.

De acordo com Nilson Lage (2000), as fontes podem ser classificadas como mais ou menos confiáveis; pessoais, institucionais ou documentais. Denominadas como oficiais, oficiosas e independentes, que são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. Fontes oficiosas são aquelas que, reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, não estão, porém, autorizadas a falar em nome dela ou dele, o que significa que o que disserem poderá ser desmentido. Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso.

A segunda delas como fontes primárias, que são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria; fornecem fatos, versões e números. Fontes secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou a construção das premissas genéricas ou contextos ambientais.

Também existem aquelas que são testemunhas, que é normalmente colorido pela emotividade e modificado pela perspectiva. Já os experts são geralmente fontes secundárias, que se procuram em busca de versões ou interpretações de eventos.

Para que informações sejam colhidas e depois distribuídas na construção do texto, normalmente, no processo de construção da reportagem é utilizada a entrevista como forma de se apurar informações.

Ainda conforme definiu Lage (2000), as entrevistas podem ser definidas por tipos, que são os rituais: geralmente breves. Em que seu ponto de interesse está mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer. Por temáticas, que são entrevistas abordando um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer. Geralmente consistem na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos.

Além das testemunhais, que trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu. A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações. Existe também as em profundidade, que é com o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida.

Outro modelo muito utilizado na construção de uma reportagem é o perfil, que traz como foco o entrevistado ou o personagem em questão. Segundo Muniz Sodré (1986), em sua obra característica sobre reportagem, ele retrata que a ação em um texto jornalístico dá espaço para a descrição do personagem. Com isso, o enfoque pode ser dado de diversas maneiras diferentes, bem como durante a construção desse texto.

O autor também considera que o personagem, seja ele uma celebridade ou uma pessoa anônima, ele sempre terá como foco a sua própria história, que é a sua própria vida. Neste momento, o repórter trabalha em seu texto sobre o regime de direcionar aquilo que seu entrevistado tem a falar de forma bruta ou compartilhar com ele um determinado momento e passar ao leitor a experiência. As duas formas foram utilizadas durante a escrita do trabalho prático.

No primeiro caso, temos a entrevista clássica, que não exige necessariamente o contato pessoal. O texto consiste numa apresentação sumária, feita de dados referenciais, seguida de perguntas e respostas. Na maioria dos casos, termina com a palavra do entrevistado. Às vezes, porém, há um pequeno fecho, ligeiramente pronunciante, mas de modo geral distanciado. (SODRÉ, 1986, p. 126).

Uma boa reportagem também é sempre protagonizada por uma pesquisa. Nesse aspecto essa característica do gênero jornalístico é baseada na busca de informações extras, que podem ser encontradas além de um personagem, por meio da entrevista ou da própria fonte, como foi citada anteriormente. Esse método tem como objetivo recheiar e colocar informações ainda mais precisas sobre o assunto a ser discutido durante a construção do texto. Tudo isso porque a reportagem tem como objetivo trazer esse espaço com maiores detalhes, esse tipo de estrutura textual também permite que o repórter, que ele cruze informações e leve o receptor a novas interpretações sobre o assunto tratado.

Dentro disso, Nilson Lage (2000) volta a explicar que a pesquisa é a base do melhor jornalismo, em referência a aquele que é feito com qualidade, o que reflete também na característica de uma boa reportagem. Ainda, o autor sustenta a tese de que toda reportagem pressupõe investigação e interpretação. No entanto, segundo ele, o “jornalismo interpretativo” e o “jornalismo investigativo” são sempre mencionados na literatura teórica recente sobre o assunto.

O jornalismo interpretativo é aquele que utiliza os dados para falar de consequências. É muito presente em textos com temas científicos e de economia. A critério prévio ela surge com o sentido de ampliar a cobertura jornalística.

O risco do jornalismo interpretativo é subordinar a matéria a crenças ou teorias não comprovadas, transformando informação em opinião, diante da qual o receptor poderá apenas concordar ou discordar. Mas exatamente esse viés de tendenciosidade torna tão fascinante o jornalismo interpretativo para as pessoas saudosas do publicismo. (LAGE, 2000, p. 60).

Já o jornalismo investigativo é caracterizado como uma forma extrema de se fazer reportagem. Isso porque necessita de tempo, investigação profunda e detalhada. Levantamento de informações por arquivos é uma das alternativas para este tipo de pesquisa dentro da modalidade jornalística. “Pode-se também entender jornalismo investigativo como um esforço para evidenciar misérias presentes ou passadas da sociedade, injustiças cometidas; contar como as coisas são ou foram e como deveriam ser ou ter sido.” (LAGE, 2000, p. 61).

O jornalismo especializado em realizar investigações abre espaço para uma categoria do mundo da comunicação que ainda é pouco estudada. O *new journalism* ou o novo jornalismo, um movimento iniciado nos anos 60, nos Estados Unidos, iniciado pelos pesquisadores Tom Wolfe e Jimmy Berlyin.

O gênero é o espaço propício para falar sobre a complexidade da Covid-19 com delicadeza e se utilizando de gêneros textuais mais leves para destacar momentos da pandemia com cuidado e de forma mais poética. O objetivo, por sua vez, é engrandecer a importância histórica do momento e deixar um registro abrangente de acordo com o que será destacado no próximo tópico como uma grande reportagem.

1.2 Grande Reportagem

A Grande Reportagem, o modelo adotado para a realização deste trabalho ainda não possui uma conceituação claramente definida, sendo um desafio encontrar literatura específica, o que se caracteriza como uma das lacunas na pesquisa em jornalismo.

Algumas pistas sobre a Grande Reportagem estão enraizadas no período surgido em 1960, nos Estados Unidos, conhecido como *New Journalism*. Esse ideal foi fortemente defendido pelo autor Tom Wolfe (1963), que viveu o *hard news* nas grandes redações dos Estados Unidos, viu a transformação e a vez e a voz do jornalismo com flertes na narrativa avançar a todo vapor.

Em sua icônica obra, “Radical Chique - O Novo Jornalismo”, Wolfe traz ao bom estilo um retrato das rotinas das redações à época e a padronização durante a produção jornalística do dia a dia. O escritor relata que, inicialmente, o espaço que os repórteres tinham para escrever algo diferente do padrão era com a chamada “reportagem especial”, definida pelo próprio autor como o espaço certo para escrever.

Era a expressão jornalística para uma matéria que escapava à categoria da notícia pura e simples. Abrangia tudo, desde pequenos fatos “divertidos”, engraçados, geralmente do movimento policial [...], até “matérias de interesse humano”, relatos longos e quase sempre hediondamente sentimentais sobre almas até então desconhecidas colhidas pela tragédia ou sobre hobbies estranhos dentro da área de circulação da folha (WOLFE, 1963, p. 14).

Foi sentindo a necessidade de se popularizar e criar mais espaços dentro das próprias redações que o movimento aos poucos foi ganhando força e carisma de escritores, que se identificavam com este tipo de escrita. Mais detalhada, elaborada, com mais pesquisas, mais fontes, entrevistas e o mais importante com espaço e liberdade para que os períodos/histórias fossem contados com elementos de origem literária, ou seja, mais ilustrativos, aprofundados, com riqueza de detalhes, humanização no relato e mais recursos estilísticos.

O momento de renovação e de luta pela implementação do novo estilo, segundo Tom Wolfe, calhou com o fim da popularidade e o significado de romance, que foi dos anos 40, 50 e até o começo dos anos 60. “O Romance não era uma mera forma literária. Era um fenômeno psicológico. Era uma febre cortical.” (WOLFE, 1963, p. 16)

O escritor ainda afirma que, nesta época, o momento em que repórteres assumiram compromissos em redações com a ideia de que seria o caminho para se tornarem romancistas. “O Romance parecia um dos últimos desses grandes golpes de sorte, como encontrar ouro ou achar petróleo, com que um americano podia, do dia para a noite, num relance, transformar inteiramente seu destino.” (WOLFE, 1963, p. 17)

Nos anos 30, em exemplo citado por Wolfe, os romancistas eram como pessoas que explodiram para o estrelato vindas do total desconhecimento. Ou seja, pessoas simples, com funções simples na sociedade e a fama por suas obras surgiam da certeza do público leitor de que iriam comprar uma obra literária autêntica.

Nos anos 50, o Romance assume um caráter nacional, segundo Tom Wolfe. Isso porque se tornou uma época de ouro, em que até mesmo existiam locais próprios para romancistas e pessoas que admiravam as obras, porém não havia local para jornalista. “Não existia algo como um jornalista literário trabalhando para revistas ou jornais populares. Se um jornalista aspirava a status literário, o melhor era ter o bom senso e a coragem de abandonar a imprensa popular e tentar entrar para a grande liga” (IBID, p. 18)

Já nos anos 60, uma ideia curiosa e inovadora surgiu, e caiu feito bomba. Uma sequência, que conforme relatada por Tom Wolfe tinha, na verdade, um ar de descoberta, a qual talvez fosse possível escrever jornalismo para ser lido como romance.

Como um romance, se é que me entendem. Era a mais sincera forma de homenagem ao romance e àqueles grandes, os romancistas, claro. Nem mesmo os jornalistas pioneiros nessa direção duvidavam sequer por um momento de

que o romancista era o artista literário dominante, agora e sempre. Tudo o que pediam era o privilégio de se vestir como ele... até o dia em que eles próprios chegassem à ousadia de ir para a cabana e tentar para valer... Eram sonhadores, claro, mas uma coisa eles nunca sonharam. Nunca sonharam com a ironia que vinha vindo. Nunca desconfiaram que fariam ao longo dos dez anos seguintes, como jornalistas, roubaria do romance o lugar principal de acontecimento da literatura (IBID, p. 19)

Ou seja, a partir deste momento uma nova vertente surgiu aos escritores, principalmente, para os jornalistas. Uma narrativa jornalística a qual flertava com elementos literários, que permitiu a criação de cenário, o que passou a ser chamado de elementos híbridos dentro das produções do jornalismo.

Neste meio tempo, o momento histórico no jornalismo passou a ser caracterizado e nomeado como “*new journalism*”, pelos próprios jornalistas da época, segundo Tom Wolfe (2015). Porém, o ensejo não pode ser classificado como um movimento, isso porque não levou jornalistas a se rebelarem às ruas para que o estilo jornalístico fosse implementado dentro das redações, principalmente, onde ela surgiu, nos Estados Unidos.

[...] O *New Journalism* não foi exatamente um movimento, pois não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais [...]. (BULHÕES, 2007, p. 145).

O que é notável é que o novo jornalismo realmente abalou as estruturas das produções jornalísticas e passou a ser elemento útil para aqueles profissionais que buscam se aprofundar no “gênero”. O estilo, segundo Bulhões (2007), veio como uma reação à padronização e surgiu no mesmo país [Estados Unidos] em que era cobrado o jornalismo de modo objetivo, ágil e pragmático.

O fato do *New Journalism* ter surgido ali é sintomático de uma atitude de reação. No país em que o jornalismo mais se desenvolveu como sinônimo de prática textual pré-moldada, cujos produção industrial, compreende-se que o *New Journalism* tenha adquirido o sentido de uma postura libertária. E para elaborar forma expressivas de uma “nova” textualidade jornalística, destrelada da pasteurização e do pragmatismo noticiosos, desatando o nó da gravata da burocracia redacional, os representantes do *New Journalism* convocaram

conscientemente as armas - e os barões assinalados - da literatura. (IBID, p. 146).

A partir disso, que o *News Journalism* se espalhou pelas redações com quatro características gerais, segundo Wolfe (1963), nas produções jornalísticas: a construção cena a cena, com formatação dramática e diegética dos universos narrados; o uso de diálogos em forma plena, a fim de enunciar a enunciação e capturar mais do que citações ou aspas para modular e expressar o pensamento de entrevistados/interlocutores; o emprego de pontos de vista em terceira pessoa, representando o desenrolar dos fenômenos e a apresentação de costumes sociais e símbolos de status de personagem, o que permite o delineamento de um quadro psíquico/socioeconômico dos envolvidos no fato.

Pistas sobre a Grande-Reportagem também podem ser encontradas em pesquisas realizadas pelo autor Felipe Pena (2007), que avaliou o jornalismo literário como um elemento que supera as limitações técnicas, que reduzem a profundidade e a abrangência dos relatos.

[O jornalismo literário] significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as concorrentes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2007, p. 48-49)

De acordo com Bulhões (2007), o momento marcante na história do *New Journalism*, no contexto em que ele tomou poder e começou a se tornar um padrão estético de escrita do repórter americano. O pontapé inicial partiu de um escritor que já tem uma história consolidada na literatura, que foi Truman Capote.

Ela seria anunciada pelo escritor Truman Capote, em 1965. Um disparo *a sangue frio*, título do livro que provocaria uma sensação espantosa e acabaria fornecendo munição pesada em favor do *New Journalism*, embora Capote sempre tenha sustentado que sua obra não pertencia ao jornalismo, mas a um novo gênero desbravado exatamente por ele: “o romance de não-ficção”. (BULHÕES, p. 148)

Capote era um escritor que, segundo Bulhões (2007), tinha passado pelo conto, romance, teatro e por grande parte focou na escrita de reportagens para a revista *The New*

Yorker. Ou seja, o escritor já tinha uma ligação com o jornalismo e com a produção de textos envolvendo o factual.

Outra obra considerada o supra sumo do jornalismo como marca literária é Hiroshima, de John Hersey, que fala sobre a explosão da bomba atômica americana, *Little Boy*, sobre a cidade de Hiroshima, no Japão. Publicada na revista *The New Yorker*, em agosto de 1946, em uma série de textos, divididas em quatro capítulos, além de um quinto capítulo com imagens da explosão, as quais relatam a vida daquela população após 40 anos. Os textos posteriormente viraram livro, com todas as características presentes de uma Grande-Reportagem.

As consequências da reportagem de Hersey foram muito além do momento da publicação. Por meio de suas singularidades, Hiroshima mudou a visão de muitos indivíduos sobre o episódio da bomba atômica e conquistou o topo de inúmeras listas de melhor reportagem já escrita. Além de reunir aspectos tidos como fundamentais na prática jornalística, a reportagem é considerada uma das obras referenciais do início do estilo norte-americano que ficou conhecido como *New Journalism* (PENA, 2007).

As obras de não-ficção passaram a garantir o seu espaço no jornalismo. Tanto é que ela foi chegar ao Brasil logo em 1966, a pioneira nesse aspecto foi a Revista Realidade, do Grupo Abril, que trabalhou com intensa profundidade de textos em assuntos mais variados do cotidiano de todos os brasileiros. A revista começou a circular nas bancas brasileiras em 1966, em pleno início do regime militar e se tornou um marco muito importante na história do jornalismo brasileiro, isso porque ela deu um início a aquilo que é chamado como um novo gênero da produção jornalística, só que mais voltada para o literário.

Mesmo no Brasil, é possível conjeturar que o novo jornalismo americano tenha influenciado dois veículos lançados em 1966 – portanto no auge da produção dos novos jornalistas americanos -, que se notabilizaram exatamente por uma proposta estética renovadora: a revista Realidade, considerada a nossa grande escola da reportagem moderna. (LIMA, 2009, p. 191 e 192).

A Revista Realidade permaneceu em vigor durante um período de dez anos, sendo que ganhou sete prêmios Esso de Jornalismo, o mais importante da área, e na época vendeu mais 400 mil exemplares, em apenas um mês. Como tudo tem seu fim, a Realidade fechou suas portas em 1976, em seguida o jornalismo nesse estilo perdeu força no Brasil.

A união do jornalismo com a literatura só pode levar a ideia da Grande-Reportagem e das produções jornalísticas uma mudança no modo de se escrever, segundo Amoroso Lima (1990). “Jornalismo só é literatura, enquanto empregar a expressão verbal com ênfase nos meios de expressão.” (AMOROSO LIMA, 1990, p. 38)

Foi com este movimento e a união dos elementos jornalísticos com os literários, que a ideia e possibilidade de escrever uma Grande-Reportagem foi possível. Tanto é que é um dos “gêneros” mais explorados por revistas brasileiras, como hoje funciona o trabalho da Revista Piauí, que surgiu em 2006 e se tornou um ressurgimento do estilo no cenário brasileiro.

A Piauí vem com a ideia de lançar reportagens mais frias e aprofundadas. De acordo com Orsatto (2009), que realizou um projeto aprofundado de análise sobre as produções feitas pela revista, ela desperta a atenção de leitores cansados da noção de imparcialidade, mas com uma ideia mais analítica e crítica.

O próprio site da revista no início de sua circulação nas bancas relatou que a Piauí foi feita para “durar um mês nas mãos dos leitores”. A revista Piauí está ligada com o jornalismo literário, com o interesse de informar, que vem do jornalismo e o trabalhar essas informações por meio da subjetividade.

Assim, a análise das reportagens da publicação permite afirmar que a revista pode ser considerada uma experiência de jornalismo literário. A revista *Piauí*, portanto, demonstra que a objetividade e a imparcialidade não são aspectos indispensáveis de um texto jornalístico; o que pode ser considerado indispensável, na verdade, é a referência ao mundo real. O jornalismo, mais do que ser imparcial, tem o objetivo de informar o leitor de maneira ética. E não há problema algum se for possível alcançar este propósito por meio de uma narrativa próxima da literatura, como afirma Lima (2004), a melhor reportagem pode combinar-se muito bem com a melhor técnica literária. (ORSATTO, 2009)

O movimento cresceu, hoje no Brasil é possível que a população acompanhe o trabalho jornalístico-literário de diversos blogs ou até em veículos maiores de comunicação. A internet tem deixado aberto um espaço para que repórteres e escritores sejam proprietários de seus próprios blogs ou se organizem entre si para a produção do jornalismo sério.

Dessa forma, o espaço também foi fértil para a construção do editorial dentro dos padrões de linguística exigidos pela internet durante a produção jornalística. Elementos que serão apresentados no próximo tópico.

1.3 Reportagem no jornalismo on-line

A reportagem dentro do jornalismo on-line assume um caráter muito mais incisivo e de mais proximidade com o leitor. De acordo com Canavilhas (2006), esse contato permite ao jornalista trabalhar as informações de uma reportagem por meio dos princípios da pirâmide deitada, que ao contrário da pirâmide invertida traz a possibilidade ao leitor de saber mais informações sobre o assunto em questão, por meio de hiperlinks.

Recorrendo à técnica da pirâmide invertida, o jornalista organiza a notícia colocando a informação mais importante no início e o menos importante do final, pelo que o leitor apenas pode efectuar a leitura seguindo o roteiro definido pelo jornalista. [...] Para observar os percursos de leitura de notícias na web, organizou-se uma experiência onde se convidavam os leitores e efectuem a leitura de uma notícia constituída por vários blocos de informação ligados através de hipertexto. (CANAVILHAS, p. 2)

Nesse sentido, além de respeitar um novo formato textual, o jornalista será responsável por produzir um conteúdo mais completo, o qual tem elementos do rádio, como entrevistas gravadas e também da TV, como vídeos, disponíveis juntos à informação que está sendo veiculado de forma escrita. Isso é chamado pelos estudiosos de multimídia.

Ainda segundo Canavilhas (2003), esses recursos obedecem a critérios que estão ligados com o conteúdo informativo e com as características de elementos multimídia. Por isso, o autor elencou alguns elementos dessas produções.

O primeiro deles são as hiperligações, muito conhecidas também como hiperlinks, que tem a função de ligar textos, notícias anteriores em arquivos, bases de dados ou textos externos ao jornal. Normalmente estas ligações se abrem em novas janelas de forma a manter o utilizador ligado ao webjornal.

Na sequência, o vídeo que para Carnavilhas (2003), os materiais jornalísticos mais apropriados para acompanhar uma notícia são as declarações de intervenientes ou de especialistas nas matérias em questão. A utilização do vídeo impõe-se em situações de difícil descrição ou que exijam muito texto. Ideal para a utilização em notícias relacionadas com desporto.

O flash e 3D pontuados pelo autor, neste caso pode ser utilizado em situações como catástrofes ou acidentes, em que não existe o registro vídeo da situação. Recorrendo a imagens de síntese é possível criar e/ou antecipar virtualmente as situações.

Já o flash e os gráficos, Canavilhas (2003) aconselha que pode ser utilizado para notícias que contêm grandes quantidades de informação associadas a questões técnicas. Notícias de carácter económico, como as relacionadas com a Bolsa, podem tirar grande partido de gráficos.

Além do já conhecido áudio, que nem sempre é fácil citar nem descrever o estado emocional do entrevistado. Com o recurso a ficheiros áudio é possível transmitir a cor das palavras. O áudio poderá integrar a webnotícia enquanto elemento interpretante.

Nesse sentido Canavilhas trabalha com duas variáveis: “dimensão”, que é a quantidade de dados e também com a “estrutura”, que é como a notícia é montada. “A correcta manipulação das variáveis obriga os jornalistas a optarem pelas técnicas de redacção que mais se adequa às características do meio, dando mais importância a uma ou outra variável”. (CANAVILHAS, 2003, p. 10)

Ou seja, com esses elementos Canavilhas apresenta a internet como um local livre para o jornalista escrever e desempenhar a sua função de forma ilimitada. O que traz ainda mais a chance para o jornalismo de forma literária prosperar e atingir o local de espaço que sempre foi buscado e ainda com acesso de um público alvo ainda maior e com mais facilidade.

Um bom exemplo de texto com muitos detalhes e feito exclusivamente para a internet são os produzidos pela Agência Pública, que é a primeira agência brasileira de jornalismo investigativo sem fins lucrativos. Em seu próprio site, a Agência se identifica realizando matérias de investigação da administração pública, incluindo todos os níveis de governo e as casas legislativas; os impactos sociais e ambientais de empresas, suas práticas de corrupção e de anti-transparência.

1.4 Texto de obituário

Como já tratado no início desse projeto escrito, a narrativa da Grande Reportagem apresentada como produto jornalístico o texto de obituário, que é presente no dia a dia da cidade de Votuporanga e retratado nas páginas do impresso diário *Jornal A Cidade de Votuporanga*, pelo nome de nota de falecimento.

O obituário é um texto recente na história do jornalismo brasileiro. O pioneirismo da modalidade é datado no século XIX do jornalismo britânico, porém foi no século XX, que o texto de obituário se desenvolveu e teve como precursor oficial o jornal *The New York Times*. No Brasil, a questão sobre esse tipo de texto só começou a ser discutida em 2008 por Suzuki Jr, que é ex-jornalista da Folha e editor da Companhia das Letras.

Na obra organizada por Suzuki (2008), com o nome de *O Livro da Vida*, o autor fala sobre o que influi na escrita de um texto de obituário e disse que quase sempre um obituário é uma ode à vida - ainda que reitere a brevidade de tudo, ao tomar o ponto final da existência como ponto de partida do jornalismo.

Outra característica exemplificada pelo jornalista brasileiro é a de que as escritas deste estilo em sua maioria interessam ao leitor porque trazem a vida e o que pessoas comuns fazem.

Para construir as melhores páginas do ramo, um periódico precisa conhecer bem as pessoas de sua época. Não é tarefa fácil. Uma genuína seção de obituários não traz mais apenas as vidas das mulheres e homens que tiveram, algum dia, seu retrato (ou um montão deles) publicado pela imprensa enquanto viviam. Ela conta também, com extraordinário interesse, a vida de milhares de pessoas que fizeram alguma diferença - e que não são conhecidas ou reconhecidas pela maioria dos leitores. (SUZUKI, p. 290 e 300).

Do método que é mais conhecido, sobre contar histórias de pessoas comuns que fizeram coisas incomuns é datado esse início de 1960. Chamado pelo organizador do livro, como o "pai do obituário moderno americano", Alden Whitman renovou o obituário do *The New York Times* e tornou os textos mais atrativos. As pessoas desconhecidas começaram a aparecer por conta de Jim Nicholson, no *The Philadelphia Daily News*. Na verdade, a renovação chegou por ele ter percebido o desinteresse de editores nos obituários e por isso adotou um modo particular e livre para contar histórias, o que apesar de ser pouco estudado e existem poucas referências é considerado parte do jornalismo literário.

Russell Colley, necrológio escrito por Thomas e que abre O livro das vidas, fala sobre a história de um homem que ficou conhecido como “Calvin Klein do espaço”, pois esse foi o título de seu obituário no *The New York Times* e ele foi o responsável por criar trajes espaciais pressurizados.

Antes de tudo, o livro traz à tona uma realidade e coloca em contraposição uma falácia de que o jornalista só faz o obituário pela morbidez, mas o que os próprios escritores querem trazer é que não se trata da morte, da causa específica, mas sim de toda uma trajetória humana, de dedicação a uma vida extraordinária, que pode partir de uma grande revolução no mundo ou de uma pessoa que manteve sua família durante anos com dignidade, ou seja, uma vida simples. “Um obituário é quase sempre uma ode à vida”, Suzuki (2008, p. 289).

O obituário, porém, possui características diferentes a de um texto narrativo. Isso porque, em geral, são escritos em terceira pessoa, com um narrador observador e onisciente, além de que mesmo que nem sempre suas figuras sejam conhecidas publicamente, as descrições das pessoas têm mais características psicológicas.

Essa característica psicológica que é carregada no obituário, tanto do *The New York Times* como de outros que fazem parte do dia a dia, favorece mostrar aos leitores, que às vezes não se dão conta nas páginas dos jornais, da humanidade intrínseca em cada persona. Além de ser um dos motivos para a realização deste trabalho.

O que isso pode causar no leitor é a sensação de identificação, de pessoas comuns para pessoas comuns, que pode até mesmo deixar a leitura do jornal mais prazerosa, pois o leitor passa a conhecer uma pessoa, que tem um perfil psicológico traçado, mesmo por conta da sua humanidade.

Essa possibilidade do jornalismo aproxima pessoas com a prática de contar histórias, que assim como foi citado no início desta pesquisa é uma prática antiga e é disso que se trata o trabalho do jornalista.

2. PANDEMIA DA COVID-19

A pandemia da COVID-19 ainda é um assunto recente e que cidadãos de todo o mundo convivem com infecções, sintomas e também mortes pela doença, mesmo que em número reduzido. Para lembrar a história da doença, que abalou o mundo nos últimos dois anos, precisamos voltar em 17 de novembro de 2019, quando o governo chinês registrou o primeiro caso da doença do coronavírus, o SARS-CoV-2. Esta data ainda é estudada, porém a primeira vítima da COVID foi uma pessoa de 55 anos, moradora da província de Hubei, próximo de Wuhan, cidade que foi o primeiro foco de surto.

Segundo os registros, estimados em artigo divulgado pela UFRGS, por meio do professor Ng Haig They (2020), em 08 de dezembro de 2019 os primeiros casos do surto de coronavírus foram registrados em um hospital de Wuhan, na China, em um hospital. Pelos registros, as vítimas seriam frequentadores de um mercado atacadista de animais.

Ainda por esse levantamento, em 5 de janeiro de 2020 surgiu o primeiro aviso da OMS (Organização Mundial de Saúde) quanto à ameaça da doença e neste mesmo dia foi publicado o primeiro comunicado da Organização Mundial da Saúde sobre a COVID. No documento, foram relatados 44 casos de “pneumonia de causa desconhecida”, em Wuhan. Em 28 de janeiro de 2020, depois do impacto que a doença causou na pequena cidade chinesa, a OMS, então, admitiu que o risco de, no início, uma epidemia no mundo fosse “alto”.

Com o passar do tempo e a apresentação de sintomas, foi possível perceber que a doença inicialmente atingia pessoas idosas e com histórico de comorbidades. Tanto é que o primeiro óbito foi registrado em 11 de janeiro, na China.

Com o passar do tempo, ainda sem saber o que a doença causaria em todo o mundo, as infecções partiram para todos os países do planeta. Na Europa, os primeiros casos foram confirmados em 24 de janeiro e a Itália acabou se tornando o epicentro da doença no continente. Os primeiros casos de COVID-19 na Itália foram de um casal de turistas chineses, no dia 30 de janeiro, depois disso os italianos, assim como todo o mundo, viram os números crescerem de forma exasperada e já logo no começo de março de 2020, o governo italiano definiu uma série de restrições.

No começo essas medidas, que geraram debate pelo planeta inteiro, foram decretadas para as regiões mais afetadas pela doença e depois passaram a valer por todo o território italiano. De acordo com o governo da Itália, as medidas eram para o controle e contenção da COVID-19, entre elas a proibição de agrupamento de pessoas em lugares abertos e fechados.

A Itália é um país caracterizado pelo grande número de pessoas idosas, segundo dados demonstrados pelo ISTAT (*Istituto Nazionale di Statistica*). Um aspecto analisado é que esse dado pode ter contribuído para o grande número de óbitos.

Como a COVID surgiu de modo inesperado e maioria dos países não sabiam como gerir o que foi causado por ela, o sistema de saúde do país italiano acabou entrando em colapso, isso por conta de todo o despreparo, quanto às formas de conter e curar pessoas dessa doença, que era praticamente desconhecida.

Todo mundo viveu a incerteza dessa doença, tanto é que a sensação que ficou foi a de que nenhum país estava preparado para conter a COVID-19. Tanto é que a Itália por ter sido o segundo epicentro da doença foi palco de estudos para muitos comportamentos e formas de estudar a doença.

Os números foram aumentando, nos Estados Unidos, por exemplo, o primeiro caso foi registrado em 21 de janeiro, o paciente era um homem que havia estado em Wuhan. Depois da explosão de casos na Itália e com a tomada de medida dos países ao redor do mundo, os Estados Unidos tomaram medidas parecidas para que a doença fosse contida e não atrapalhasse o funcionamento dos hospitais. O Executivo e o Congresso tomaram atitudes por meio de três medidas, a principal delas falava sobre a paralisação das atividades econômicas em grandes proporções do território americano.

Já na América Latina e no continente africano a pandemia chegou depois, isso porque os primeiros casos foram registrados no dia 25 de fevereiro, nas proximidades das festividades de carnaval no Brasil. O primeiro caso latino-americano, porém, foi registrado no Brasil. Um homem de 61 anos recém chegado da Itália, o mesmo local de origem do primeiro paciente registrado na África.

Com a expansão do vírus por todo o mundo, em 13 de março a China seguiu com a quantidade de mortos na Itália tornou-se o novo epicentro da doença e em 19 de março ultrapassou o número de mortos que foram registrados na própria China. Dias depois, em 26 de março, os Estados Unidos também foram apontados como um novo epicentro da pandemia e ficou atrás apenas da China e da Itália em número de casos.

Falando em terras brasileiras, o Ministério da Saúde declarou a transmissão comunitária em 20 de março, após o primeiro óbito registrado em 17 de março de um paciente que não tinha histórico de viagem ao exterior.

A preocupação, que vinha não somente de brasileiros, mas de pessoas por todo o mundo, era quanto a superlotação do sistema de saúde. O cenário se repetiu em países pelo mundo e trouxe milhares de mortos pela falta de leitos de UTI (Unidade de Terapia Intensiva).

Com essa ideia de má distribuição de leitos para o enfrentamento a COVID-19 e insuficiência no volume e colocando ainda em pauta a má administração de recursos financeiros, desde o início da pandemia. O ápice da ocupação de leitos no Brasil aconteceu em março de 2021. Na época dos fatos, a ocupação dos leitos estava acima de 90% em 16 estados da federação e a Fiocruz, Fundação Oswaldo Cruz, divulgou uma pesquisa na qual os especialistas apontaram o maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil.

FIGURA 1 - COLAPSO NOS HOSPITAIS BRASILEIROS



The image is a screenshot of a news article on the Fiocruz website. The header features the Fiocruz logo and the text 'Fundação Oswaldo Cruz: uma instituição a serviço da vida'. Below the header is a navigation menu with options: 'A FUNDAÇÃO', 'PESQUISA E ENSINO', 'PRODUÇÃO E INOVAÇÃO', and 'SERVIÇOS'. The article title is 'Observatório Covid-19 aponta maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil', dated 17/03/2021, by Regina Castro. The article text states: 'Diante do atual cenário da pandemia, a Fiocruz divulga, nesta terça-feira (16/3), mais uma edição do Boletim Extraordinário do Observatório Covid-19 Fiocruz. A análise chama atenção para os indicadores que apontam uma situação extremamente crítica em todo país. Na visão dos pesquisadores que a realizam, trata-se do maior colapso sanitário e hospitalar da história do Brasil.'

FONTE: FIOCRUZ (2021)

Essa imagem demonstra como os veículos de comunicação relataram o ocorrido e repercutiram as recomendações e estudos, que foram divulgados pela Instituição Fiocruz no auge do aumento de casos e como consequência a superlotação de leitos de UTI, em todo o Brasil.

FIGURA 2 - REPERCUSSÃO NA MÍDIA



FONTE: CNN BRASIL (2021)

Com a suscetível falta de leitos em todo o mundo, em específico no Brasil, a consequência disso foi também o aumento do número de mortos, que assustou a todos que por algum motivo adquiriram a doença no começo, no ápice ou na época mais tranquila da pandemia. De acordo com a OMS (Organização Mundial da Saúde), até 10 de agosto, última atualização feita neste artigo, já tinham sido registrados em todo o mundo cerca de 584 milhões de casos confirmados para a COVID-19 e 6,4 milhões de mortes pela doença .

Sendo que desde o início do colapso na saúde mundial, as Américas e a Europa são os lugares com maiores incidências para a doença e consequentemente de mortes pelo coronavírus. O Brasil registrou exatamente 680.166 óbitos confirmados, ficando apenas atrás dos Estados Unidos, em número de mortos, que registrou mais de 1 milhão de casos.

No Brasil, a contagem da quantidade de casos de óbitos confirmados passou por altos e baixos, tanto é que em 8 de junho de 2020 foi estabelecido um Consórcio dos Veículos de Imprensa (CVI) entre os veículos O Estado de S. Paulo, G1, O Globo, Extra, Folha de S.Paulo e UOL para divulgação diária de informações da COVID-19 vindas das secretarias de saúde de cada um dos estados. Isso porque, à época, ocorreu uma restrição do Ministério da Saúde sobre os dados.

De acordo com o divulgado na mídia, isso veio, pois o então ministro Eduardo Pazuello autorizou que acontecesse a divulgação dos números dos boletins não mais às 17h e sim às 22h, o horário iria, em tese, boicotar a transmissão dessas atualizações em rede nacional nos maiores telejornais do país.

Além disso, polêmicas cercaram a pandemia, principalmente, quanto às mortes. Tanto é que quando o Brasil bateu a marca de 500 mil mortos, o país ganhou relevância internacional devido à onda de protestos, que cercaram durante todo o dia 19 de junho de 2021.

FIGURA 3 - DESTAQUE INTERNACIONAL

'Marco sombrio' de 500 mil mortes e 'protestos contra o presidente': a tragédia brasileira na imprensa internacional

Milhares de pessoas protestaram contra o presidente Jair Bolsonaro em todos os estados brasileiros no sábado (19/6), mesmo dia em que o país alcançou o marco de meio milhão de mortos na pandemia.



Por BBC

20/06/2021 13h37 · Atualizado há um ano



FONTE: G1 (2021)

O destaque foi para os protestos contra o presidente Jair Bolsonaro, que foi apontado nesses eventos como o maior responsável pelo número de mortos por conta de sua gestão durante a pandemia da COVID-19.

FIGURA 4 - JORNAL INGLÊS



FONTE: THE INDEPENDENT (2021)

"Brasil ultrapassa marco sombrio de 500 mil mortes por covid-19 em meio a protestos contra a resposta de Bolsonaro", diz o título de reportagem do jornal britânico The Independent.

O cenário de mortes no Brasil, como já representado pelos dados foi em tese "catastrófico" e todos os dias a população brasileira via o número nos boletins epidemiológicos de cada estado aumentar de forma arrebatadora. Todos os dias, cada uma das vítimas da Covid-19 representavam um acréscimo nesses números desastrosos do país durante o período pandêmico.

No Estado de São Paulo, o mais populoso do país, com 44,3 milhões de habitantes, os índices não foram diferentes e diariamente os paulistas viam seus entes queridos, familiares e amigos se transformarem em números divulgados pela Vigilância Epidemiológica do Estado.

Para bem ilustrar essa realidade, uma pesquisa publicada na Revista Brasileira de Epidemiologia, por meio do artigo “Covid-19 no Estado de São Paulo: A evolução de uma pandemia”, em que só foram considerados casos grave e de óbito da doença ele representa todo o aumento, que é considerado significativo pelos pesquisadores, em um período de um ano.

De acordo com a pesquisa, durante os períodos de maio a julho de 2020 e março a abril de 2021, o Estado de São Paulo apresentou os estados mais críticos. A incidência acumulada e a mortalidade acumulada para o estado foram 858,56 e 259,10 por 100 mil habitantes, respectivamente.

Ainda de acordo com a pesquisa, as maiores incidências acumuladas (por 100 mil habitantes) foram vistas nos DRS (Departamento Regional de Saúde) de São José do Rio Preto (1.187,3), que abrange 102 cidades, incluindo Votuporanga que será apresentada neste artigo, e Grande São Paulo (954), enquanto as taxas de mortalidade acumuladas (por 100 mil habitantes) mais elevadas foram verificadas também em São José do Rio Preto (352,9) e em Araçatuba (301,7).

Como foi possível observar com o resultado das pesquisas realizadas, a regional de São José do Rio Preto, uma das maiores do estado, apresentou os maiores números tanto de internações e casos graves para a doença quanto para a quantidade de pessoas que morreram devido à Covid-19.

É importante ressaltar que essas regiões representam polos econômicos do estado e concentram grandes infraestruturas assistenciais, que provavelmente propiciam a demanda de áreas limítrofes por equipamentos de saúde com maior resolutividade. Isso também foi evidenciado ao observarmos as taxas de incidência por município de residência, nas quais se notou a formação de aglomerados espaciais nos DRS de São José do Rio Preto e Grande São Paulo. (LORENZ, 2021, p. 10).

Como representado pelos números estaduais, o cenário realmente não foi bom no noroeste paulista durante a progressão da pandemia. Isso porque em abril de 2021, por exemplo, a região de São José do Rio Preto ficou 30 dias com as UTIs (Unidades de Terapia Intensivas) com mais de 90% de lotação. Em toda a região, que conta com 102 municípios, eram 631 leitos de alta complexidade exclusivos para a Covid-19.

À época, de acordo com uma estimativa feita pelo jornal Diário da Região, de São José do Rio Preto, a manutenção diária de um leito de UTI poderia ultrapassar os R\$2 mil. Essa

quantidade, se multiplicada pela quantidade de pacientes internados na região, durante aquele período, chegava a um valor diário de R\$ 1,1 milhão, aproximadamente. Depois se multiplicado por 30 dias, tempo em que a região ficou com ocupação acima dos 90%, foi um valor médio de R\$ 34,6 milhões.

Tanto é que Votuporanga, cidade que faz parte da DRS de São José do Rio Preto e tem mais de 95 mil habitantes, de acordo com a última estimativa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), foi uma das pioneiras a trazer um investimento altíssimo com a instalação de um Hospital de Campanha, anexado a Santa Casa de Votuporanga. A chegada dos 23 leitos de UTI naquele momento em abril de 2021. Diante disso, a cidade respirou aliviada, mas contou com a chegada de superlotação em dado momento da pandemia, devido à quantidade de casos que foram registrados em junho de 2021.

No dia 26 de junho do ano passado, Votuporanga atingiu um de seus momentos de ápice com o registro de 100% de ocupação de leitos da Santa Casa, UPA (Unidade de Pronto Atendimento) e também, do até então recém-inaugurado, Hospital de Campanha. De acordo com os dados divulgados pela imprensa da cidade, naquele dia, 23 votuporangueses estavam internados, sendo que 15 pacientes faziam uso de ventilação mecânica e os outros oito, de oxigênio. Já na UPA, os 12 pacientes que estavam no local, estavam com equipamento de ventilação e na Santa Casa os 28 leitos estavam todos ocupados.

Votuporanga registrou também em janeiro de 2022 um grande salto no número de contaminados com a COVID-19, depois das festas de fim de ano e a liberação de aglomerações em todo o estado. De acordo com os números, datados de 1º a 31 de janeiro, a cidade registrou em um mês o acumulado do que foi registrado entre janeiro e maio de 2021. Nesse período, foram um pouco mais de 5,1 mil casos novos de COVID.

Nos primeiros cinco meses de 2021, Votuporanga registrou 5.383 casos novos da doença. Já no comparativo com janeiro de 2022 e o mesmo mês de 2021, o total de casos novos registrados mais que quadruplicou.

Neste período, porém, apesar da explosão de casos novos de Covid, o número de mortes causadas pela doença foi baixo, dado os novos perfis da contaminação e também a chegada das vacinas. Mesmo Votuporanga tendo registrado um número de casos novos 408% maior, o total de mortes foram 12,5% maior, segundo a análise.

A diferença entre casos e mortes por Covid aconteceu por conta do avanço da vacinação contra a doença no município. Isso porque, em uma pessoa com o esquema vacinal completo, por exemplo, a doença tende a causar sintomas mais leves do que em uma que não tenha recebido nenhuma dose do imunizante.

A cidade do interior, porém, chegou em agosto deste ano a marca 501 óbitos confirmados. As mortes para a COVID chegaram a todos os moradores de Votuporanga, desde as classes sociais mais simples até as mais abastadas da cidade, tendo em vista como a pandemia chegou em todo o mundo.

O que se diferenciou de toda a cobertura da região Noroeste Paulista, talvez até de todo o Estado de São Paulo, foi o modo em que a imprensa de Votuporanga noticiava as atualizações dos boletins referentes a COVID-19. Em específico, o veículo de comunicação analisado para a realização deste trabalho e também contado na história desta Grande Reportagem, o Jornal A Cidade.

O jornal originalmente votuporanguense circulou pela primeira vez no dia 1 de janeiro de 1985, apresentado em tamanho tablóide, em um único caderno de 16 páginas. Desde a sua primeira veiculação, o periódico apresentava o que seria o futuro do texto de obituário e como se tornaria uma tradição para toda a população de Votuporanga.

Atualmente, o A Cidade disponibiliza a página 4 de seu impresso diário para que as histórias daqueles que tiveram suas vidas ceifadas sejam contadas pelos jornalistas, que ligam todos os dias para familiares, que acabam contando um pouca da história, da vida e também de algum costume do falecido.

Este trabalho diário é considerado pelos editores do jornal como uma prestação de serviços à comunidade votuporanguense, que todos os dias espera para saber um pouco da vida de alguém que faleceu, nem que seja para saber se era alguém conhecido ou alguma pessoa que trombou por alguma avenida principal da cidade dias antes de sua morte.

Esse pedaço da tradição, que começou no final dos anos 80 atravessou todos esses anos de progresso que circularam não só pela região Noroeste Paulista, mas também por todo o jeito de se produzir e realizar o conteúdo jornalístico, conforme as discussões acima que foram trazidas por importantes teóricos da comunicação.

Até que em 2020, em plena pandemia da COVID, esse trabalho ganhou um novo significado e importância para a população desta cidade, que a cada nova atualização de boletim epidemiológico, o meio possível de se conferir os dados e monitorar o andamento da pandemia em Votuporanga, via caso existisse um novo acréscimo no número de mortes, uma pessoa com um nome, sobrenome, idade, uma alcunha e uma história de vida, da mais simples que fosse, comovente, por vezes até, com relato de seus familiares. Tudo isso pelo tradicional trabalho das notas de falecimentos, ou como os teóricos costumam colocar, o texto de obituário.

Em entrevista, que estará disponível no decorrer da reportagem, o editor chefe do Jornal A Cidade, que viveu todo esse trabalho rotineiro durante a pandemia, disse que passou por

outros meios de comunicação, principalmente da região, em que as notas de falecimento somente eram feitas caso alguém famoso da cidade falecia.

“Foi no contexto da pandemia que eu entendi realmente a importância desse trabalho, porque sem essas notas seriam apenas números, dados estatísticos e pessoas que caíram em esquecimento, além de que não saberiam o motivo da morte”, disse ele. A entrevista completa detalhando sobre esse cenário vivido pela imprensa local está disponível na Grande Reportagem.

Normalmente, o jornal regional se utiliza de uma entrevista com o familiar da vítima, com informações desde a mais básica até as mais profundas sobre a vida e dedicações dessa pessoa. Em seu parágrafo inicial, normalmente o jornalista traz os conceitos básicos do texto com as primeiras informações, as mais básicas e depois normalmente detalha como era a vida dessa pessoa. Tudo é detalhado conforme os anexos, que estão disponíveis neste artigo.

3- PRODUTO

O produto jornalístico desenvolvido nesse projeto é uma Grande Reportagem, de veiculação digital, que conta, por meio de um gênero mais literário, um recorte durante a pandemia da COVID-19 da particularidade da tradição das notas de falecimento, na cidade de Votuporanga (SP). As notas de falecimento são consideradas textos de obituários, que não deixaram de caracterizar a vida e a história de pessoas simples, que morreram devido à doença.

O gênero Grande Reportagem foi o escolhido para este trabalho, por conter mais elementos de caracterização de personagens e lugares, bem como uma especialização importante para toda a contação dessa história, que a humanização do texto jornalístico, que conforme citado acima na pesquisa leva o leitor a uma maior identificação com o texto e compreensão maior sobre o assunto que será desenvolvido, nesse caso a pandemia da COVID.

Para a realização dessa Grande Reportagem, em específico, foi necessário realizar um levantamento das produções realizadas pela imprensa local, neste caso, o Jornal A Cidade de Votuporanga foi a maior referência para que se chegasse a uma eureka quanto a fontes e como o trabalho do texto de obituário realmente acontece na cidade do Noroeste Paulista.

Na sequência foi realizado uma série de pautas para a captação de fontes e realização de entrevistas para a produção textual. Também foram realizadas pesquisas para que fosse encontrada melhor referência para trazer o panorama geral da pandemia em Votuporanga.

Foram colhidas fotos dos personagens para ilustrações dessas histórias que compõem a Grande Reportagem, que é veiculada de forma on-line. Bem como, a busca de entrevistas com os próprios trabalhadores do Jornal para relatarem quanto a pandemia na cidade do interior do Estado de São Paulo.

3.1- Linha editorial

A Grande Reportagem que carrega o título de “Nome a números”, é veiculada em uma página on-line feito a partir dos seguintes capítulos: “Desespero inicial”, “Nas manchetes”, “Fé e orações caladas pelo choro”, “Sorrir, até o fim!”, “Solidão” e “Companheira de vida”. Trata de forma contemporânea, humanizada e também sensível sobre a pandemia e como os números de mortos pela COVID-19 repercutiram na cidade de Votuporanga (SP), por meio das notas de falecimento, conhecido como texto de obituário.

O texto seguiu o padrão e trouxe uma narrativa em terceira pessoa, que mostra tudo sobre a pandemia, desde o início em Votuporanga e até a descrição dos personagens durante a

Grande Reportagem. Com toda a coleta de dados, o texto acabou sendo escrito pela ordem cronológica dos fatos, sendo que o início de toda a pandemia é representado pelas incertezas frente a doença, depois na cobertura das mortes pela doença, por meio das notas de falecimento e em sua parte final foi documentado toda a história dos óbitos de COVID-19.

3.2 - Público Alvo

A Grande Reportagem “Nome a Números” vai para todas as pessoas que desejam explorar a história por trás de acontecimentos, que podem ser considerados do dia a dia. Além de ser tratado em sua linha editorial como uma forma de historigafar todo momento histórico vivido durante a pandemia da COVID-19.

3.3 - Veiculação

Para que a Grande Reportagem circulasse, a sacada foi trazer ela mais próxima da realidade virtual do mundo. Por isso ela é veiculado de modo on-line, em um site específico, moderno e diagramação especial produzida apenas para que esta escritura fosse arquivada para as gerações futuras. O conceito é clean, com cores inventadas e muito uso de preto e branco. O local tem espaço com a utilização de hiperlinks e também vídeos para melhor dar profundidade a experiência de imersão na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo de deixar guardado memórias, textos e histórias de um período caótico e triste da história com um recorte no interior do Estado de São Paulo como forma de marcar o registro de como tudo se deu durante a pandemia da COVID-19. Isso referente desde os primeiros casos até as mortes que mais marcaram a região.

Com as histórias, contadas de forma sensitiva e detalhada o produto jornalístico, neste caso a Grande Reportagem, estabelece um exemplo e conexão no leitor de como o cenário de fato aconteceu, além de trazer uma percepção ainda maior para a pandemia ou uma nova interpretação, bem como reflexão naquele que se dedicar a leitura.

O principal destaque, como o recorte daquilo que é mais importante, vai para os textos de obituários, que durante esse trabalho foi apresentado como notas de falecimento e de como sua tradicionalidade no município de Votuporanga se diferenciou durante toda a cobertura das mortes da COVID, nas atualizações diárias de boletim.

Assim como citou Suzuki (2008), o trabalho do texto de obituário é uma “ode a vida”, seu contexto caiu bem na cidade votuporanguense que trouxe esse olhar sensitivo quanto as mortes e contava a história, dava o nome, sobrenome e também endereço da primeira até a última vítima da doença.

Essas histórias aqui registradas nesse trabalho estão na Grande Reportagem desenvolvida com o nome de “Nome a números”, que foram totalmente detalhadas em seis capítulos de forma literária e com o ideal de sensibilizar o leitor.

A Grande Reportagem, gênero escolhido pela sua liberdade no se fazer jornalismo e contar história é de uma bibliografia e nem conceitualização própria, por isso suas características, conforme ditado acima, podem ser encontradas no método de se fazer jornalismo literário.

Diante disso, o desenvolvimento do trabalho proporciona ao meio acadêmico novas oportunidades e visões da evolução da Grande Reportagem e do se fazer jornalismo. Além de apresentar ao mercado e a toda comunidade acadêmica uma integração com meio tecnológico e suas atualidades no jeito de se comunicar e informar.

REFERÊNCIAS

AMITRANO, C. R.; MAGALHÃES, Luís Carlos Garcia; SILVA, M. S.; **Medidas de enfrentamento dos efeitos econômicos da pandemia Covid-19: Panorama internacional e análise dos casos dos Estados Unidos, do Reino Unido e da Espanha**; Ipea, Brasília, maio de 2020; DOI: <http://hdl.handle.net/10419/240754>. Disponível em: <https://www.econstor.eu/bitstream/10419/240754/1/td-2559.pdf>. Acesso em: 20 jul. de 2022.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**, In Informação e Comunicação Online: Jornalismo Online, 63-73, ISBN: 972-8790-07-4. Covilhã: Livros Labcom, 2003. Acesso em: 10 jun. 2022.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**, in BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2006. ISSN: 972-8790-07-4. Acesso em: 10 jun. 2022.

CORAÇÃO, C.; MARTINS, L. J. **A identidade jornalística da agência Pública na discussão sobre o jornalismo contemporâneo**. Revista de Estudos da Comunicação, [S. l.], v. 16, n. 40, 2015. DOI: 10.7213/rec.v16i40.22522. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22522>. Acesso em: 13 jul. 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed. São Paulo: Manole, 2009.

LIMA, Alceu Amoroso. **O jornalismo como gênero literário**. São Paulo: Com-Arte: EDUSP, 1990.

LORENZ, Camila. **COVID-19 no estado de São Paulo**: a evolução de uma pandemia. ARTIGO ESPECIAL, Rev. bras. epidemiol. 24, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-549720210040>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/scMYQN96Dx5nJzNmRrDFYTM/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 16 de ago. 2022.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

OPAS. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> . Acesso em: 31 jul. 2022.

ORSATTO, Francielle. **Relações entre a revista piauí e o jornalismo literário**: uma reflexão. Anagrama, v. 23 n. 54: Ano XXIII - 2009/3. DOI: <https://doi.org/10.4013/5773> . Disponível em: <http://www.revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/5773>. Acesso em: 4 jul. 2022.

RIBOLI, E.; ARTHUR PEREZ, J.; MANTOVANI, M. F.; **No epicentro da epidemia**: um olhar sobre a Covid-19 na Itália. Revista Cogitare Enfermagem, 25: e72955, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72955> ; Acesso em 23 de ago. 2022.

SODRÉ, M. FERRARI, M. H. **Técnica de reportagem**: Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SUZUKI JR., Matinas. **O livro das vidas**: obituários do New York Times; tradução Denise Bottmann - São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

VIEIRA, L. A.; LEITE, M. E. **A experiência da reportagem na revista Realidade**. Anagrama, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 1-13, 2014. DOI: 10.11606/issn.1982-1689.anagrama.2014.82359. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/82359> . Acesso em: 2 jul. 2022.

PAINEL Coronavirus Brasil, Ministério da Saúde. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> .
Acesso em: 8 de ago. 2022.

WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard. Disponível em: <https://covid19.who.int/> . Acesso
em: 8 ago. 2022.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**; tradução Joaquim Ferreira dos Santos.
- São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ANEXO A - EXEMPLO DE NOTA DE FALECIMENTO

A CIDADE

o jornal de Votuporanga

Cidade

Mãe e filho morrem por complicações da Covid-19 em Votuporanga

Aparecida de Lourdes Berti Andrade morreu aos 62 anos; seu filho Anderson Berti Andrade faleceu 11 dias antes

Compartilhe: [Curtir 0](#) [Tweetar](#)

publicado em 25/03/2021



Aparecida de Lourdes Berti Andrade faleceu na terça-feira (23) e era mãe de Anderson, que morreu onze dias antes, ambos por Covid-19 (Foto: Arquivo pessoal)

Temporal provoca problemas no abastecimento de água e energia em Votuporanga

21/10/2022

Tempestade de granizo causa estragos em Votuporanga

21/10/2022

Faculdade FUTURA lança Vestibular e garante 50% de desconto no 1º ano

21/10/2022

Assary sedia 1º Open de Beach Tennis 'Sicoob Creedlifer'

20/10/2022

Tempestade destrói parte da cobertura da Arena Plínio Marin

De simples sintomas a grandes complicações. Foi assim que a Covid-19 acometeu a senhora Aparecida de Lourdes Berti Andrade, aos 62 anos, ao longo de semanas até sua morte, na terça-feira (23). Ao mesmo tempo, seu filho Anderson Berti Andrade, de 31 anos, era acometido pela doença. Ele faleceu onze dias antes dela, também pelo agravamento da doença.

A família busca forças para seguir em frente, após essa sequência de tragédias. Moradora do bairro Vila América, dona Aparecida era costureira e deixa o esposo Guilherme Francisco de Andrade, a nora Carla Corrêa Berti e o neto Miguel Corrêa Berti Andrade, além dos demais familiares e amigos. Ela foi sepultada ontem, às 9h, no Cemitério Municipal de Votuporanga.

“É muito triste, tudo aconteceu muito rápido. A gente não imagina uma tragédia assim, eles eram saudáveis. Infelizmente, essa doença ela é muito perigosa mesmo e já não escolhe mais”, disse à reportagem Cidinha Magossi, tia de Anderson.

Internações

Aparecida estava hospitalizada na UPA (Unidade de Pronto Atendimento), que tem funcionado como Hospital de Campanha, há pelo menos dez dias, segundo informou os familiares. Na luta pela sobrevivência, ela chegou a ficar dias entubada no suporte ventilatório da unidade, à espera de um leito de UTI (Unidade Terapia Intensiva) Covid da Santa Casa.

Enquanto estava hospitalizada, poucos parentes puderam conversar com Aparecida até o dia do seu falecimento. O filho Anderson Berti morreu no último dia 12 de março. Ele chegou a ser hospitalizado e internado na UTI da Santa Casa, porém não resistiu.

